



Nº 48 - AGOSTO 2023

REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO: SERGIO SILVA

Desigualdades de raça e gênero são maior desafio da juventude

Tiozão abre exposição
Arte da quebrada no
Tucuruvi

Ouvidor das polícias
fala sobre chacina no
Guarujá

AGENDA DE LUTAS AGOSTO DE 2023



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



Desigualdades com base em critérios de raça e gênero são maior desafio para a juventude



FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

O número de brasileiros de 15 a 29 anos nunca antes foi tão grande no Brasil. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, eram 50 milhões de pessoas em 2020, o equivalente a um quarto da população. O

potencial dessa força de trabalho pode representar um futuro promissor para o Brasil se for possível incorporá-la em um projeto voltado a mitigar as desigualdades socioeconômicas que marcam a vida dos brasileiros desde a infância e se dão

com base em critérios de gênero, raça e cor que prevalecem há séculos.

É isso que a edição da revista **Reconexão Periferias** de agosto, quando se comemoram os dias do Estudante e Nacional da Juventude, se propõe a colocar em debate, para que seja possível pensar políticas públicas voltadas a combater tais desigualdades. Em seu artigo, a consultora do projeto Reconexão Periferias Léa Marques afirma: “Desde a juventude podemos notar o abismo existente entre os jovens mais pobres e os de maior renda. Atualmente, cerca de 15% dos jovens de 15 a 29 anos, o que corresponde a 7,6 milhões de pessoas, não frequentam escola, não trabalham e não estão procurando trabalho. Entre as famílias mais

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, RUAN BERNARDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO ■ **EDIÇÃO E REVISÃO** ROSE SILVA ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **PROJETO GRÁFICO** CACO BISOL ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** PAULO OKAMOTO (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JORGE BITTAR, LUIZ CAETANO, NAIARA TORRES E VIRGÍLIO GUIMARÃES.

pobres, esse percentual sobe para 24%, ou seja, 1 em cada 4 jovens não têm acesso à escola ou ao trabalho. E o principal motivo são os afazeres domésticos e os cuidados de pessoas. Entre os mais ricos, a proporção é de 6%, e a justificativa determinante é o estudo em outros cursos, como os pré-vestibulares.”

Na seção *entrevista*, o ouvidor das Polícias do Estado de São Paulo, Claudio Aparecido Silva fala sobre os recentes episódios do Guarujá, onde o assassinato de um soldado da Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) desencadeou onda de violência policial que já causou 16 mortes de pessoas sem vinculação comprovada ao crime. E ainda das dificuldades que a Ouvidoria tem enfrentado para realizar seu trabalho e também de como imagina que a política de segurança pública pode ser modificada e produzir menos mortes de civis e de policiais.

No *perfil* apresentamos o coletivo Projeto 42, que

desde 2016 atua em Palmas (TO) para levar arte, música e dança por meio de oficinas de hip hop a crianças e jovens. Um dos idealizadores é o produtor cultural Régis Rodrigues, que tem 29 anos e mora na Vila União, localizada na região norte, que é a mais periférica da cidade. Desde que convidou um grupo de amigos para ensinar as crianças na praça, muita coisa mudou. O grupo reúne hoje 20 voluntários, quase todas pessoas negras, e atua com mais de 160 famílias cadastradas e 50 crianças participantes das atividades.

Ele diz que uma das principais dificuldades que enfrenta junto com outros jovens pretos da periferia é que são desacreditados por fazerem um movimento totalmente voluntário e não remunerado. “As pessoas desacreditam no nosso potencial porque pensam que nós, jovens, pretos, periféricos, ainda estamos precisando de ajuda e por isso não temos condição de ajudar os outros. Nós, da cultura hip

hop, tentamos mostrar que podemos, sim. Pois em algum momento da vida todo mundo precisa de ajuda para aprender as coisas, e pelo conhecimento que já adquirimos também podemos ensinar”, afirma.

A exposição *Arte de Quebrada*, que reúne 53 obras do artista plástico Tiozão no Shopping metrô Tucuruvi, é o destaque da seção de *Arte*. O pintor sempre se dedicou a retratar pessoas com importância histórica, em diversos segmentos, na música, na política. E se tornou conhecido por expor seus trabalhos nas ruas. “Sempre gostei de desenhar, mas nunca foi algo que eu praticasse muito. Mas como fui muito cedo trabalhar na construção civil, acabei tendo contato com a pintura convencional de paredes. Foi lá que aprendi a mexer com tintas, lendo sobre os materiais”, conta ele.

A edição também traz as seções *Programa*, *Agenda* e *Oportunidades*.

Boa leitura! Boas lutas! ■

Juventude e desigualdades estruturais do mercado de trabalho

LÉA MARQUES

LÉA MARQUES É SOCIÓLOGA, MILITANTE FEMINISTA, CONSULTORA RESPONSÁVEL PELO EIXO DE TRABALHO DO PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO: SÉRGIO SILVA

Passados seis meses de um novo governo de reconstrução, democrático, popular e aliado às mudanças sociais das quais a população brasileira tanto precisa, urge seguir dando visibilidade às periferias brasileiras, para que essas não sejam apenas alvo das políticas públicas, mas sim protagonistas de sua elaboração e implementação.

Ao tratarmos de periferia é imperioso reconhecer que é nesses territórios que vive a maioria da classe trabalhadora brasileira. Mas qual classe é essa? Definitivamente não é

uma classe homogênea, igual. É uma classe que tem raça/cor, sexo e idade. E essas características são determinantes para compreendermos o mundo do trabalho. Para termos uma ideia,

de acordo com dados do Dieese, no Brasil somos 98 milhões de pessoas ocupadas, ou seja, efetivamente trabalhando. Dessas pessoas, 21,9 milhões são mulheres negras, quase 10 milhões a menos do que os homens negros, 31,3 milhões. Os homens brancos são 24,8 milhões, e as mulheres brancas, 20,1 milhões.

Todavia, as desigualdades de raça e sexo não se expressam somente no acesso ao trabalho. A qualidade do trabalho também nos diz muito sobre a questão, ao notarmos que quase metade das mulheres negras (47,5%) está em um trabalho desprotegido (informal, sem direitos), enquanto entre os homens brancos são 34,5% nessa situação.

Nos dados sobre rendimento, ficam ainda mais visíveis as desigualdades: a média de renda nacional mensal das mulheres

negras é de R\$ 1.715, menos da metade da renda dos homens brancos, que é de R\$ 3.708. A desigualdade de raça é mais decisiva na renda, ao revelar-se que entre os homens negros a renda média é de R\$ 2.142, enquanto as mulheres brancas têm renda média de R\$ 2.774.

E são desigualdades enfrentadas durante toda a vida dessa população. Desde a juventude, por exemplo, podemos notar o abismo existente entre os jovens mais pobres e os de maior renda. Atualmente, cerca de 15% dos jovens de 15 a 29 anos, o que corresponde a 7,6 milhões de pessoas, não frequentam escola, não trabalham e não estão procurando trabalho. Entre as famílias mais pobres, esse percentual sobe para 24%, ou seja, 1 em cada 4 jovens não tem acesso à escola ou ao trabalho. E o principal motivo são os afazeres domésticos e os cuidados de pessoas. Entre os mais ricos, a proporção é de 6%, e a justificativa determinante é o estudo

em outros cursos, como os pré-vestibulares.

Sabemos que os afazeres domésticos e os cuidados de pessoas são tarefas historicamente delegadas às mulheres, o que confere à questão não só recorte socioeconômico, mas também de gênero. Assim, uma mulher negra, jovem, moradora de uma periferia do país, inicia sua vida ocupacional (quando consegue tempo entre os afazeres domésticos), em empregos que requerem menor formação escolar, de tempo parcial, informais, desprotegidos, de menor renda, ou seja, em condições absolutamente desiguais a um homem branco, residente de áreas centrais e nobres, que pode, inclusive, passar mais anos apenas estudando, sem ter de se preocupar com seu próprio sustento, e já adentrar no mercado de trabalho em posições mais altas, de comando e chefia. Possivelmente, começando já como chefe da jovem anteriormente descrita. E essa situação tende a prosseguir em

um ciclo vicioso, de geração em geração.

Se queremos construir um país com menos desigualdade e com mais justiça social, esse ciclo precisa ser interrompido. Os temas do mundo do trabalho, contemplando as desigualdades estruturais afirmadas acima, precisam ser pauta prioritária na agenda daqueles e daquelas que pretendem construir políticas públicas para a juventude, assim como, a juventude precisa ter a visibilidade de suas questões reconhecidas nas pautas de trabalho. Nos movimentos sociais, fruto de muita luta, há um crescente acúmulo dessas questões, precisamos agora que elas consigam chegar às tomadas de decisões para, enfim, se tornarem realidade. A reconstrução do país precisa passar pela reconstrução das políticas de juventude, das políticas de mulheres, de igualdade racial e de direitos fundamentais no trabalho para todos e todas. Não podemos perder tempo. ■

“A sociedade precisa exercer controle sobre a polícia”

ISAÍAS DALLE



FOTO: SÉRGIO SILVA

A atuação de Claudio Aparecido Silva, titular da Ouvidoria das Polícias do Estado de São Paulo e conselheiro do projeto Reconexão Periferias, foi decisiva para impedir que a versão oficial fosse vitoriosa no caso da operação policial na cidade do Guarujá, onde o assassinato de um policial desencadeou uma onda de violência.

Entre o final de julho e início de agosto, houve uma sequência de fatos no Guarujá, litoral sul de São Paulo, que causou muito rumor. Na noite do dia 27, o soldado Reis, da Polícia Militar, da Rota, foi morto por um

tiro. Na sequência, a PM, por ordem do governador do Estado, Tarcísio de Freitas, e do secretário de Segurança Pública, o ex-capitão da PM Guilherme Derrite, deu início à Operação Escudo. O que se viu nos dias subse-

quentes foi uma série de ações policiais em favelas da cidade que resultaram em ao menos 16 mortes. Moradores relataram torturas, execuções. Enquanto isso, o governador Tarcísio Freitas (PL) chegou a dizer que estava

extremamente satisfeito com o resultado.

De outro lado, o titular da Ouvidoria das Polícias do Estado de São Paulo, Claudio Aparecido Silva, ia a campo ouvir vizinhos e famílias dos mortos e dali alertava a imprensa de que a operação em curso era abusiva e vitimava inocentes.

Naqueles dias, a ação do ouvidor, que também é conselheiro do projeto Reconexão Periferias, foi decisiva para impedir que a versão oficial fosse vitoriosa. Claudio garante que a Ouvidoria vai buscar justiça e reparação, inclusive junto a órgãos internacionais.

O ouvidor fala também de como a sociedade pode dar início a um novo modelo de segurança pública que reduza consistentemente o número de vítimas da violência, entre civis e policiais.

Reconexão Periferias: A Ouvidoria lida apenas com as questões da Polícia Militar?

Claudio: Essa Ouvidoria é do Sistema de Seguran-

ça Pública do Estado de São Paulo. Então ela tem conexão com a Polícia Militar, com a Polícia Civil e com a Polícia Científica. E avança nessa relação, porque ela ouve a sociedade, as polícias, mas também tem um papel proativo de sistematizar dados, colher informações e opinar lá no pensamento, na gestão e aplicação das políticas públicas de segurança do Estado.

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, chegou a dizer que estava “extremamente satisfeito” com a operação da polícia no Guarujá e que não houve excessos. Você, por outro lado, desde o princípio denunciou a desproporcionalidade das ações e apresentou versão diferente. Afinal, o que houve no Guarujá?

Esse talvez essa seja o maior desafio da nossa gestão à frente da Ouvidoria da Polícia. Discutir, atuar e fazer com que tudo o que permeou, permeia e permeará a Operação Escudo seja efetivamente elucidado e entregue para a sociedade. Respostas concretas,

especialmente à sociedade de Guarujá, àquelas pessoas que moram naquelas favelas, naquelas comunidades, e precisam de respostas efetivas do Estado e do sistema de justiça. E a gente vai atuar fortemente para que isso ocorra. O dado concreto é que historicamente, as mortes decorrentes de intervenção policial no Guarujá nunca chegaram ao número de 30 no ano. Então, se considerarmos 16 pessoas mortas em seis dias, vamos perceber que alguma coisa de anormal está acontecendo. Não tem normalidade numa polícia tão letal. Se continuar com essa média, no Guarujá vai haver uma quantidade sem fim de pessoas mortas em operações policiais. Os números apontam abuso.

Você esteve no local, o que viu por lá?

A forma como estão se dando as incursões nas comunidades. Fui a um bairro onde houve duas mortes, o Conceição. As pessoas estão aterrorizadas. Eu já havia recebido áudios de grupos de WhatsApp, um monte

ENTREVISTA COM CLAUDIO APARECIDO SILVA

de denúncias, e tinha a noção de que isso estava acontecendo. Agora, quando você vai lá, conversa com as pessoas, fica dentro da comunidade, como nós ficamos, com uma comitiva enorme, a Comissão de Direitos Humanos da OAB, o presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado, deputados, deputadas e vereadores da capital e da Baixada Santista, Defensoria Pública, uma série de outras instituições e entidades de direitos humanos, e ouve o que elas falam, que estão adoecidas, à base de remédios, por conta de

tudo o que essa operação tem causado... Pessoas dizendo que estão ocorrendo invasões às casas, ocupações de moradias, sem autorização desses moradores, que a esposa teve seu banho invadido por um policial dentro da sua própria casa... que estão sendo agredidas, atacadas. Há relatos de policiais dizerem que quem tiver passagem, tatuagem, vai morrer. Então, isso é um absurdo. Nós encontramos uma pessoa que tem um filho com uma passagem pela Fundação Casa que estava desesperada. Quando nos viu, correu, nos procurou e falou “Pelo amor de

Deus, eu tô com medo, não sei o que fazer. Eu não deixo meu filho sair de casa. Se pegarem meu filho vão matar. Eles vão ter que me matar também, porque eu não vou deixar levar o meu filho”. Então tem uma série de arbitrariedades acontecendo naquele território que a gente pode comprovar a partir de uma série de outras materialidades. A segurança pública tem de oferecer segurança para as pessoas, e não insegurança. O estado hoje das comunidades do Guarujá é de insegurança, terrorismo. As pessoas estão apavoradas.



FOTO: SÉRGIO SILVA

Até onde vai o poder da Ouvidoria?

A Ouvidoria tem um papel de ouvir, colher subsídios e encaminhar para as corregedorias tomarem as medidas cabíveis. Mas também é uma protetora, um órgão que atua no sentido de proteger os direitos das pessoas. A gente tem uma atuação bastante limitada, dadas as condições existentes. A Ouvidoria é um órgão bastante sucateado, há uma série de aspectos que eu poderia ficar aqui elencando, que limitam a sua atuação. Ocorre que neste momento nos fortalecemos a partir da mobilização de outros setores sociais, especialmente de instituições e organismos de direitos humanos, inclusive internacionais. Porque a gente sabe que esse caso não termina no inquérito policial, provavelmente ele só está começando. Então vamos precisar de muita mobilização, muita técnica e muito trabalho para dar consequência para esse caso, que tem movimentado a opinião pública do Brasil inteiro.

É fundamental que haja uma consequência, que a justiça seja feita, que essas famílias que estão perdendo seus entes queridos sejam reparadas. Ontem veio à tona, por exemplo, o caso de um menino chamado Felipe, que era trabalhador num quiosque, e o patrão desse menino mostrou o comprovante de pagamento semanal dele. O patrão nos disse: “Ele só está trabalhando comigo na baixa temporada porque ele é um ótimo profissional”. Então, é dessas vidas que nós estamos falando e a gente precisa que a justiça seja feita. A Ouvidoria vai continuar alerta e atenta, mobilizada em conjunto com as instituições e organizações do movimento social de direitos humanos, para que esse caso tenha consequências, inclusive, se necessário for, com a ajuda de organismos internacionais de defesa dos direitos humanos.

Claudio, nestes dias você tem enfrentado resistência, boicote?

Nós temos sim enfrentado resistência, boicote,

uma narrativa oficial que não dá conta do que efetivamente está acontecendo naquele território. O secretário de Segurança Pública esteve dizendo que as pessoas que estão reclamando, denunciando abusos porque estão pressionadas pelo crime e pelo tráfico, para fazer com que a polícia saia do território. Isso não é verdade. É uma afronta, uma tentativa de desvirtuar a atenção da opinião pública. Então tem esse tipo de postura, de ordenar aos funcionários da segurança pública a não emitirem informações sobre os registros de ocorrências e qualquer outra que a Ouvidoria solicita. Eu tenho sofrido ameaças. Recebi um dia desses um post de ameaça em um grupo de WhatsApp de policiais. É uma espécie de briga de Davi contra Golias. Eu não recebi nenhuma ligação do secretário de Segurança Pública até agora, desde que houve a morte do policial da Rota e a deflagração da Operação Escudo (a entrevista foi concedida no dia 3 de agosto). E a gente vai fazer o que for



FOTO: SERGIO SILVA

possível e necessário para que justiça seja feita. Os policiais terão de responder no âmbito militar, no âmbito correcional. E eles, a partir daí, na nossa opinião, terão que responder pelos abusos no âmbito criminal, e o Estado vai precisar responder no âmbito cível. Essas famílias precisam, vão precisar do amparo, da reparação do Estado, embora a vida ninguém traga de volta.

Neste caso do Guarujá, há, ao que tudo indica, uma disputa com o crime organizado, com o tráfico, com facções criminosas poderosas. Existe uma

saída possível para isso?

A política de segurança pública é uma política social. Ela tem ganhado um espaço na agenda nacional extremamente preponderante. Hoje, eu ousou dizer que a política de segurança pública só não é prioridade no imaginário popular acima de saúde e educação. Essa política que mobiliza tantos pensamentos, tantas subjetividades, precisa ter o mínimo de controle externo. Ela é fundamental para a população, mas também é fundamental que a população se aproprie dos debates, que sejam abertos canais de diálogo e discussão com essa política de segurança pública. Então, a população tem total direito de opinar e colaborar para a gestão dessas políticas. Mais que isso, exercer o papel de controle externo da atividade. Este é um aspecto. Tem outros: a gente pode atuar na formação, na qualificação dessa mão de obra, na mobilização de policiais no sentido de garantir cidadania, na aproximação de policiais com movi-

mentos sociais e com comunidades. A gente pode ter uma polícia cidadã, só precisa querer para ter. E eu não estou dizendo com isso que a nossa polícia é ruim. Nós temos uma polícia muito qualificada e equipada, que dispõe de ferramentas tecnológicas muito eficientes. Ferramentas que inclusive poderiam ter sido usadas para o estancamento dessa crise no Guarujá.

Neste mesmo período, tivemos casos de violência policial na região metropolitana de Salvador e no Rio, com mortes de dezenas de pessoas. O caso de São Paulo é diferente?

Eu acho que nós temos uma questão fundamental que precisa ser discutida também. Qual é o modelo de polícia que queremos. A gente sabe que esse modelo de polícia muito militarizada não tem dado conta de fazer. O policial militar tem dificuldade com aproximação com a população, o olhar militar muitas vezes enxerga a população como inimiga. Então, esses aspectos precisam

ser considerados. Quem é que é a polícia da polícia? Quem controla a polícia? A gente precisa saber, porque, afinal de contas, a sociedade precisa exercer algum nível de controle sobre o Estado. E a polícia também é o Estado. Então eu penso que a gente precisa discutir se esse modelo efetivamente adequado. Em São Paulo, em Santa Catarina, no Sul, na Bahia, no Norte do país, onde quer que seja. Inclusive, eu queria dizer que há um projeto de lei tramitando no Senado Federal que escancara ainda mais o poder que a polícia tem, que tira dos secretários de Segurança Pública o controle sobre o comandante geral da polícia, que submete as ouvidorias ao comandante geral da polícia. Esse projeto de lei é o número 3045 de 2022, que institui a Lei Orgânica Nacional das Polícias Militares e dos Corpos de Bombeiros Militares. Precisamos estar atentos a esse projeto de lei, que é um atentado contra a segurança pública nos estados.

Como você acredita que

possa ser estruturada a participação e o controle social sobre o trabalho policial no país?

O controle social sobre as polícias pode ser feito a partir da valorização, estruturação e ressignificação dos conselhos comunitários de segurança. Hoje, no modelo que está, o conselho é mais um órgão de apoio ali para os pequenos empresários nos territórios do que necessariamente o atendimento das demandas de participação em segurança pública. É importante também se estruturar um conselho estadual amplo e democrático, com participação de várias instituições, não só de acesso à Justiça, mas também de direitos humanos e da população organizada. E o fortalecimento das ouvidorias. O outro aspecto, que é muito relevante, é que sejam realizadas periodicamente, preferencialmente a cada dois anos, conferências de segurança pública. O povo precisa discutir segurança pública, estar atuante e ativo nessa. Então, medidas como essas

são simples de serem implantadas, praticamente já poderiam estar existindo e garantiriam maior legitimidade para a política de segurança pública. Quando propomos isso, em hipótese alguma queremos condenar a polícia. O que a gente quer? Garantir legitimidade para a ação policial, para dar tranquilidade para o trabalho do policial ou da policial, e garantir que esses profissionais sejam mais reconhecidos pela população e sejam mais valorizados pelos governos. ■

Projeto 42 salva vidas de crianças e adolescentes por meio do hip hop

ROSE SILVA



FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

O Projeto 42 surgiu em 2016, a partir da ideia de levar arte, música e dança em oficinas de hip hop a crianças e jovens moradores da periferia de Palmas, no Tocantins. Um dos idealizadores é o produtor cultural Régis Rodrigues, que tem 29 anos e mora na Vila União, localizada na Região Norte, que é a mais periférica da cidade.

Ele trabalha há dois anos com audiovisual e acredita que poder fazer o que gosta também é fruto da iniciativa. “É tudo meio conectado, ajudar a fortalecer as crianças, acreditar no sonho delas, faz a gente pensar no nosso. O audiovisual é algo com que

eu sempre quis trabalhar e nunca tive condições. E graças a Deus hoje virou realidade”, afirma.

Régis lembra que teve a ideia em um período difícil, quando estava preso, após ter se envolvido com o crime. “Eu pensei que antes

de entrar no sistema penitenciário eu era um cara que se destacava na escola, amava o hip hop e sabia diferenciar o certo do errado. E fiz uma promessa para mim mesmo e para o universo de que seu eu saísse daquela situação faria algo de bom com esse conhecimento.

Então decidi criar um projeto para evitar que as crianças passassem pelo que eu passei”.

Desde que Régis convidou um grupo de amigos para ensinar as crianças na praça, em 2016, muita coisa mudou. O grupo reúne hoje 20 voluntários, quase todas pessoas negras, e atua com mais de 160 famílias cadastradas e 50 crianças participantes das atividades. O Projeto 42 ampliou muito seu escopo de atuação. Passou a ensinar balé, facilitar a gravação de clipes pelos artistas da periferia, para oferecer condições aos talentos que despontam a partir dessa movimentação cultural. E a organizar batalhas de rimas, como



FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

incentivo à conscientização pela poesia. Os voluntários também fazem arrecadações para ajudar as famílias das crianças que estão passando por dificuldades.

Salvo pelo hip hop

O movimento hip hop faz parte da vida de Régis desde os nove anos de idade, quando ele já trabalhava na feira para conseguir comprar seu material escolar. “Conheci pessoas mais velhas que já dançavam break, eram de um grupo chamado Altruísta, em 2005. Elas me incentivaram a aprender alguns passos e já me apaixonei, comecei a correr atrás para aprender mais, mas não havia oportunidade aqui na Vila União. Então acabei criando meu próprio grupo, o Coalição Break, com amigos, meu irmão, algumas crianças que viviam na minha rua. Atravessávamos a cidade de ônibus, a pé ou de bicicleta para aprender um passo”, lembra ele.

Régis afirma que na maioria das comunidades



FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

brasileiras, na parte periférica, o rap é a música com a qual todo mundo se identifica. “Pode ser um trabalhador, um criminoso que mora na periferia da periferia, vai se identificar com o hip hop, porque fala da realidade das pessoas ali, veio para fazê-las refletirem e pensarem. Os artistas que cantam têm de ter posicionamento, não é só olhar e cantar no estilo, mas trazer informação, cobrança, empoderamento negro e da periferia. O rap é uma arma, uma ferramenta para nós”.

Ele relata que o hip hop literalmente salvou sua vida. “É isso que hoje a gente tenta promover, que



FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

o Projeto seja um bote salva vidas e as crianças tenham acesso à arte e à cultura. Na periferia, são poucas as escolhas que a criança e o adolescente têm, o hip hop é uma delas. Para resistir essa fase sem entrar no crime”.

Régis teve um irmão mais novo que morreu com 18 anos, além de alguns amigos. “São vários e vários amigos próximos, pessoas que eram para estar comigo e infelizmente o crime levou”.

Ele diz que uma das principais dificuldades que enfrenta junto com outros jovens pretos da periferia é que são descreditados por fazerem um movimento totalmente voluntário e não remunerado. “Essa é uma super conversa entre

as roda de amigos. As pessoas desacreditam no nosso potencial porque pensam que nós, jovens, pretos, periféricos, ainda estamos precisando de ajuda e por isso não temos condição de ajudar os outros”, diz.

“Nós, da cultura hip hop, tentamos mostrar que podemos, sim, ajudar. Pois em algum momento da

vida todo mundo precisa de ajuda para aprender as coisas, e pelo conhecimento que já adquirimos também podemos ensinar”, afirma.

Outro ponto destacado por Régis é o acesso a informação: “ela chega tarde e se a gente for atrás, né?”

Tenho 29 anos e algumas informações que eu poderia ter tido há dez anos mudariam muito as coisas. Sei que na periferia as informações vêm de forma muito lenta. Digo isso como incentivo a outros jovens periféricos, para que vejam essa dificuldade como um incentivo, porque de outra forma não virá”.

PARA CONHECER MAIS: @projeto42pmw



FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

Mulheres negras e a arte como estratégia antirracista

Desde o início de 2020 o Projeto Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados às periferias, sempre dialogando com organizações, coletivos, movimentos sociais, ati-

vistas e militantes de todo o país. Durante o mês de julho de 2023, foram realizados programas com temáticas relacionadas à última edição da Revista Reconexão Periferias, “Mulheres negras lutam pela vida e por justiça so-

cial nas periferias” (edição de julho).

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da FPA](#) e na [página do Facebook](#)

Confira os programas de julho e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:

11/07/2023: A dança como estratégia antigordofóbica e antirracista - com Gal Martins

25/07/2023: Teatro Popular Solano Trindade vive nas novas gerações - com Elis Trindade

ENTREVISTA 11 DE JULHO - 17H

A DANÇA COMO ESTRATÉGIA ANTIGORDOFÓBICA E ANTIRRACISTA

GAL MARTINS
Artista e pensadora de dança, criadora do coletivo Zona Agbara e da Cia Sansacroma

FUNDAÇÃO Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

ACOMPANHE: [FundacaoPerseuAbramo](#)

ENTREVISTA 25 DE JULHO - 17H

TEATRO POPULAR SOLANO TRINDADE VIVE NAS NOVAS GERAÇÕES

ELIS TRINDADE
Coreógrafa, professora especializada em danças afro-brasileiras e dança inclusiva

FUNDAÇÃO Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

ACOMPANHE: [FundacaoPerseuAbramo](#)

Arte de Quebrada reúne 53 obras do artista plástico Tiozão



FOTO: SÉRGIO SILVA

Robson Moura, conhecido artisticamente como Tiozão, nasceu e foi criado no extremo da Zona Norte de São Paulo. Ele teve acesso à escola até a terceira série do Ensino Fundamental e começou a trabalhar com 12 anos de idade, na construção civil, como pintor imobiliário. Assim começou sua formação artística para pintar quadros, trabalho no qual vem se aprimorando desde 2019. Ele acaba de abrir a exposição Arte da Quebrada no Shopping Metrô Tucuruvi, em São Paulo, que reúne 53 obras e pode ser visitada até o final de setembro. Nesta primeira exposição em

espaço fechado, a proposta dele é apresentar sua arte para o pessoal que mora próximo de sua quebrada.

Tiozão sempre se dedicou a retratar pessoas com importância histórica, em diversos segmentos, na música, na política, na arte. E se tornou conhecido por expor seus trabalhos nas ruas. “Sempre gostei de desenhar, mas nunca foi algo que eu praticasse muito. Mas como fui muito cedo trabalhar na construção civil, acabei tendo contato com a pintura convencional de paredes. Foi lá onde aprendi a mexer com tintas, lendo sobre os materiais”, conta ele.

Começou com a pintura de camisetas, quando conheceu um rapaz que o indicou para a pintura em tela. “Fiz meus primeiros 12 quadrinhos e já fui vender nas ruas, pois eu não tinha opção, estava

em uma situação difícil precisando fazer uma grana”, conta.

Antes de iniciar com a pintura em tela, ele relata que fez pesquisas e depa-rou com algo que considerou elitista: no passado, quem se dedicava a retratar personalidades históricas era da elite branca, e muitas pessoas negras não tiveram sequer um registro devido ao desinteresse desses retratistas em fazê-lo. Isso o motivou a retratar pessoas contemporâneas, como um tipo de reparação. Ele decidiu expor e vender os quadros nas ruas para que fossem acessíveis, inclusive nos valores.

O artista pensa em desenvolver, no futuro, um projeto de exposição em escolas públicas, levando personalidades históricas que nem sempre são apresentadas aos alunos. “É legal associar nomes a imagens, pois é comum os alunos ouvirem as histórias de pessoas sem ter contato com as suas imagens”, diz. ■



FOTOS: SÉRGIO SILVA

SERVIÇO:**Exposição Arte da Quebrada**

Shopping Metrô Tucuruvi, piso L4 (Rua Paulo de Faria, 133-167)

Aberta de segunda à domingo, das 10h à 22h. Grátis.

<https://www.instagram.com/tiozao1978/>



Programa Quinzenal Reconexão Periferias

Terça- feira, às 17h
(horário de Brasília).
No canal da Fundação
Perseu Abramo:
[www.youtube.com/
FundacaoPerseuAbramo](http://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres
na Comunicação - Rádio Web
Mulheres na Comunicação
www.mulheresnacomunicacao.com/
Aos sábados, às 8h, retransmitido de
segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h
e 23h. O programa está disponível
no Spotify, Google Podcasts,
Apple Podcasts e Anchor, no canal
“Mulheres na Comunicação”

Rádio Mixtura

Toda quarta-feira, a cada 15 dias
[Na plataforma dos Jornalistas Livres e da
Radio Mixtura](#)

Exposição: Arte de Quebrada, por Tiozão

Até 3/9, das 10h às 22h
Shopping Tucuruvi - Rua Paulo de Faria,
133-167 - Tucuruvi - São Paulo, SP

5º Amostra de teatro Heliópolis, A periferia em cena

De 12 a 19/8
Casa de Teatro Maria José de Carvalho
(Rua Silva Bueno, 1.533 - Ipiranga. SP/
SP) e Ruas de Heliópolis
Ingressos: Gratuito. [Informações aqui](#)

II Em Cena - Encontro Nacional de Artes da Cena

15 e 16/8
Centro Cultural e de Exposições Ruth

Cardoso - Rua Celso Piatti, s/n- Jaraguá -
Maceió, AL. [Inscrições aqui](#)

III DIÁLOGOS NEAB-UFGD2023: Saúde da População Negra

17/8, às 19:30 - [Assista aqui](#)

Dança: Bailando na Cidade - Companhia de Danças de Diadema

18/8, às 15h
Céu das Artes - Av. Afonso Monteiro da
Cruz, 254 - Jardim União - Diadema, SP.

Dança: Bailando na Cidade - Companhia de Danças de Diadema

19/8, às 15h
Centro Cultural Eldorado - Av. Frei Ambrósio
de Oliveira Luz, 41 - Eldorado - Diadema, SP

Empreendedorismo cultural e escuta ativa

19/8, às 12h
Centro Cultural Veras - Rua Vera Linhares
de Andrade, 2064 - Córrego Grande -
Florianópolis, SC

Pré Conferência sobre Racismo Ambiental, Eventos Climáticos Extremos e Justiça Climática

19/8 - Ação da Cidadania - Rua da
Gamboa, 246 - Santo Cristo - Rio de
Janeiro, RJ. [nformações aqui](#)

Seminário “Acessibilidade atitudinal por uma cultura de inclusão”

19/8, das 8h às 19h. Campus Zona Leste
Unifesp - Avenida Jacu Pêssego, 2630 -
Itaquera - São Paulo, SP. [Inscrições aqui](#)

Conferência: Representatividade Negra no Mundo Corporativo

22/8, das 18h30 às 21h
Rua Gervásio Pires, 826 Santo Amaro -
Recife, PE. [Informações aqui](#)

II Encontro do Fórum Estadual LGBTIAPN+

24 e 25/8. Faculdade Católica de Rondônia - Rua Gonçalves Dias, 290 - Centro - Porto Velho, RO. [Informações aqui](#)

3º Congresso Brasileiro da Cultura

De 24 a 26/8. Museu de Arte do Rio - Praça Mauá, 5 - Centro - Rio de Janeiro, RJ. [Informações aqui](#)

Simpósio Cearense de Psicologia Escolar

De 25 a 27/8. Centro de Formação Capacitação e Pesquisa Frei Humberto - Rua Paulo Firmeza, 445 São João do Tauape - Fortaleza, CE
Ingressos: A partir de R\$ 77,00
[Informações aqui](#)

Campanha Nacional Fazer Valer a Pena a Implementação Efetiva das Leis 10.639-2003

25/08, das 13h e às 17h
Onde: Campus Ifes - Av. Arino Gomes Leal, 1700 - Santa Margarida, Colatina - ES

Roda de Pandeiro

26/8, às 10h. Onde: Centro Cultural Urucuia - Rua W3, 500 - Urucuia - Belo Horizonte, MG. [Informações aqui](#)

Cine Campinho apresenta Especial Hip Hop 50 anos - De Menos Crime, MCL Lee, Mano Chel, Break Dance e Exibição de Filme

26/8, das 18h às 23h. Onde: Rua Alessio Prates, s/n - Lajeado - São Paulo, SP

Wiki ocupa

26 e 27/8, das 8h e às 17h
Campus UFPA Bragança - Alameda

Leandro Ribeiro - Aldeia, Bragança - PA
Informações: whatsapp: (91) 98804-9033 (Michael Barra)

1º Simpósio Psicocultural sobre os Povos Tradicionais da Amazônia

9 e 10/9. Onde: Centro Cultural dos Povos da Amazônia - Distrito Industrial I, Av. Silves, 2222 - Crespo - Manaus, AM
[Informações aqui](#)

1º Congresso de Direito Digital do Centro-Oeste

1º Congresso de Direito Digital do Centro-Oeste
Data: 28 e 29/9, das 17h às 21h
Rua Armogaste José da Silveira, 612 Setor Centro Oeste, Goiânia, GO
Ingressos: A partir de R\$ 25,00
[Informações aqui](#)

Os D.H.M. na Contemporaneidade e o enfrentamento a todas as formas de Violência e Discriminação

30/8, das 19h às 21h
Rua 26 de Agosto, 63 Centro, Campo Grande, MS. Ingressos: Gratuito
[Informações aqui](#)

Campanha Nacional Fazer Valer a Pena a Implementação Efetiva das Leis 10.639-2003

1/9, das 13h às 17h
Campus Ifes - Rodovia ES-482 Fazenda Morro Grande, ES, 29311-970

2º Simpósio de Saúde mental e Políticas Públicas

De 19 a 20/10, das 13h às 22h
Av. Cap. Olinto Mancini, 1662 - Jardim Primavera, Três Lagoas - MS
Gratuito. [Informações aqui](#)

OPORTUNIDADES AGOSTO

Edital	Foco	Prazo	Link
Prêmio Funarte Mestras e Mestres das Artes 2023	Constitui objeto do edital a premiação de 16 (dezesseis) mestras e mestres, através da seleção de propostas de reconhecimento da trajetória daquelas(es) que detenham notório conhecimento no campo artístico, longa permanência na atividade e que atuem como referência para os segmentos das ARTES VISUAIS, CIRCO, DANÇA, MÚSICA, TEATRO OU ARTES INTEGRADAS.	Até 18 de agosto de 2023	https://prosas.com.br/editais/13780-premio-funarte-mestras-e-mestres-das-artes-2023
EDITAL N.º 007/2023 – 16º SALÃO NACIONAL DE ARTES DE ITAJAÍ	O objeto do presente edital visa selecionar 15 (quinze) propostas para compor a exposição do 16º Salão Nacional de Artes de Itajaí que acontecerá no formato presencial na cidade de Itajaí/SC, de 20 de outubro a 18 de novembro de 2023. Poderão ser inscritas propostas nas mais diversas linguagens das Artes Visuais, como: desenho; pintura; gravura; escultura; instalação; publicação; texto; colagem; performance; ações; intervenção urbana; grafite; fotografia; vídeo; áudio; GIF; projeção; net art; e outras mídias contemporâneas e novas tecnologias. A exposição do 16º Salão Nacional de Artes de Itajaí acontecerá em diversos espaços da cidade, sendo assim, a comissão de organização se responsabiliza quanto à viabilização de propostas que tenham necessidades específicas de espaço no que diz respeito ao tamanho, às áreas internas ou externas e à localização.	Até 21 de agosto de 2023	https://prosas.com.br/editais/13808-edital-no-0072023-16o-salao-nacional-de-artes-de-itajai#!#tab_vermais_descricao

<p>Desafio Saneamento do Futuro - Rios sem Plásticos</p>	<p>O edital tem como objetivo identificar, reconhecer e premiar soluções inovadoras, no estágio de protótipo, que incorporem tecnologias digitais e contribuam para a resolução do desafio de diminuir a quantidade de plástico nos corpos hídricos brasileiros. O Desafio será realizado em duas etapas: a primeira sob a responsabilidade da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico - ANA e a segunda da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI.</p>	<p>Até 31 de agosto de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/13077-desafio-saneamento-do-futuro-rios-sem-plasticos</p>
<p>Bolsa Funarte de Mobilidade Artística 2023</p>	<p>A BOLSA FUNARTE DE MOBILIDADE ARTÍSTICA 2023 pretende promover no território nacional e no exterior a circulação das artes brasileiras e ações de formação e intercâmbio artístico, por meio do apoio financeiro para o custeio de despesas de hospedagem, alimentação e transporte de agentes dos segmentos das ARTES VISUAIS, CIRCO, DANÇA, MÚSICA, TEATRO E ARTES INTEGRADAS, bem como suas obras.</p>	<p>Até 08 de setembro de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/13710-bolsa-funarte-de-mobilidade-artistica-2023</p>
<p>CREDENCIAMENTO DE FEIRAS DA KUYA — CENTRO DE DESIGN DO CEARÁ</p>	<p>Convidamos você para participar desta chamada pública, que vai selecionar pessoas para expor nas feiras de design da Kuya — Centro de Design do Ceará, no período entre julho de 2023 e fevereiro de 2024.</p>	<p>Até o dia 29 de outubro de 2023</p>	<p>https://editais.cultura.ce.gov.br/single/201</p>

OPORTUNIDADES AGOSTO

<p>II PRÊMIO DE CONTOS "NARRANDO COM AMOR LITERATURA"</p>	<p>Tem como objetivo colaborar com a Arte e Cultura brasileira através da Literatura, incentivando a escrita literária, de escritores de todo Brasil. O concurso destina-se a escritores de língua portuguesa, sendo livre para escritores iniciantes ou para autores que já foram publicados anteriormente. Os escritores podem ser residentes de qualquer parte do Brasil, desde que maiores de 16 anos</p>	<p>Até o dia 15 de outubro de 2023</p>	<p>https://www.nature-zadoverso.com.br/</p>
<p>Projeto Gauss - Processo seletivo de pré universitários</p>	<p>Inscrições abertas para alunos que pretendem prestar vestibular. Nós damos bolsa em cursinho, auxílio psicológico, acompanhamento com mentores, aula de reforço, bolsa auxílio, tudo que o aluno precisa pra conseguir se dedicar. Tudo 100% grátis. Temos vagas presenciais em São Paulo, Aracaju, Curitiba, Salvador, Brasília e, na modalidade EAD, para todo o Brasil</p>	<p>Até o dia 05 de outubro de 2023</p>	<p>https://www.instagram.com/p/</p>
<p>Aliança Regenerativa</p>	<p>Somos diversas organizações socioambientais que, solidárias frente ao sofrimento em Brumadinho, decidiram criar o Fundo Regenerativo Brumadinho. e agir de forma unificada, como sociedade civil, em prol da regeneração de toda a extensão da área afetada, banhada pelo rio Paraopeba. Aceitamos projetos provenientes da comunidade atingida ou iniciativas da sociedade civil em resposta ao crime ambiental do rompimento da barragem do Córrego do Feijão. Pessoas, grupos, coletivos, associações de bairro e qualquer organização da sociedade civil que tenham interesse, experiência e talentos para somar ao processo de apoio a Brumadinho e Paraopeba.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/6298-alianca-regenerativa</p>

<p>Elas Avancam: Ambientes Prósperos para o Protagonismo Feminino</p>	<p>Buscamos projetos que promovam atividades, ações de capacitação e formação profissional, qualificação em tecnologia e/ou desenvolvimento de habilidades e competências que fortaleçam as mulheres e promovam a equidade de gênero. Projetos que contribuam, de forma direta ou indireta, para a construção de um ambiente fértil para o protagonismo feminino por meio de ações como o desenvolvimento de lideranças, o combate ao machismo, atividades no contraturno escolar para crianças, a promoção da saúde e bem-estar, o combate à discriminação e violência de gênero, etc.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9048-elavancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino</p>
<p>Edital da Fundação John Deere</p>	<p>Apoiar projetos sociais com investimento privado e incentivado que estejam alinhadas à Política de Doações e Patrocínios da John Deere, que possui três pilares de atuação: combate à fome, desenvolvimento comunitário e educação. Para projetos aprovados via Incentivo Fiscal atuamos com as legislações no âmbito Federal, Estadual e Municipal.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/9250-fundacao-john-deere-banco-de-projetos</p>



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



WWW.FPABRAMO.ORG.BR